

Entrevista¹ com Prof. Dr. rer. pol., Dr. h.c. Wolfgang Schluchter²:

O pensamento de Max Weber na Sociologia contemporânea

Entrevista: Elizangela Valarini³

Tradução: Raquel Braga⁴

Prof. Dr. rer. pol., Dr. h.c. Wolfgang Schluchter nasceu em 1938, no estado de Baden-Württemberg na Alemanha. Sua carreira acadêmica inicia-se em 1973 com uma Cátedra de Professor na Universidade de Düsseldorf. Em 1976 assumiu a Cátedra de Professor em Sociologia na Universität Heidelberg, onde permanece até o presente. Prof. Schluchter é reconhecido internacionalmente pelo desenvolvimento e difusão da obra de Max Weber. Tem se dedicado durante anos à elaboração de um programa de estudos e pesquisa “Weber-Paradigm”, que contribuísse para o dialogo da teoria weberiana com outras teorias sociológicas, como teoria dos sistemas, teoria da ação comunicativa, entre outras. Dedicou-se ainda sistematicamente para a reconstrução da obra de Max Weber, através da concepção e execução do projeto da edição crítica “Max Weber Gesamtausgabe”. Não somente através de sua obra, mas sua participação em inúmeros comites academicos, Prof. Schluchter contribuiu e contribui permanente para a formação e desenvolvimento da Sociologia alemã, assim como para a sua difusão internacional.

¹  Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

² Entrevista realizada em Heidelberg, Alemanha, em 26 de julho de 2017. Prof. Dr. rer. pol., Dr. h.c. Wolfgang Schluchter é professor emérito do Instituto de Sociologia Max Weber na Universidade de Heidelberg. E-mail: wolfgang.schluchter@soziologie.uni-heidelberg.de

³ Dr. Elizangela Valarini é pesquisadora e docente no Instituto de Sociologia Max Weber na Universidade de Heidelberg. E-mail: elizangela.valarini@mwi.uni-heidelberg.de

⁴ Graduada e Habilitação em Educação Musical, pelo Conservatório de Hamburgo (Alemanha). Email: musikalische@hotmail.com

Biografia e primeiro encontro com a teoria de Max Weber

Dra. Elizangela Valarini [EV]: Eu gostaria que você falasse sobre si. Se você olhar retrospectivamente para a sua carreira profissional, quais foram as etapas mais importantes e as decisões mais significativas, desde sua formação até sua carreira acadêmica.

Prof. Dr. Wolfgang Schluchter [WS]: Começarei com a conclusão do ensino médio [*Abitur*], o qual eu fiz no ano de 1957, em uma escola secundária em Ludwigsburg, uma cidade com um palácio barroco famoso no sul da Alemanha. Durante meus tempos escolares, eu estava particularmente interessado em literatura e política. No entanto, não surgiu disso um claro desejo profissional. Apesar de querer estudar – o que foi bem difícil, frente à situação econômica da minha família, pois meu pai morreu na guerra e minha mãe tinha que manter quatro filhos com poucos recursos –, eu não sabia o que deveria estudar. Eu comecei então com Língua Alemã, História e Filosofia na Escola Técnica Superior de Stuttgart, porque esta era a faculdade mais próxima e assim eu poderia continuar morando em casa. A escolha do meu primeiro local de estudo foi, portanto, em grande parte condicionada pelo fator econômico. Entretanto, no final das contas, ela se comprovou ser uma boa escolha. Pois, naquela época, existia nas escolas técnicas alemãs um estudo geral para os estudantes de engenharia, que por vezes era ativamente concebido por professores renomados, e assim era também em Stuttgart, especialmente nas disciplinas de Língua Alemã e Filosofia. Como não havia uma grande demanda para essas disciplinas, pude adquirir, assim, em um círculo relativamente pequeno, minhas primeiras experiências sobre as peculiaridades de um curso superior. Mas mesmo apesar das dificuldades financeiras, logo após um semestre, fui atraído para ingressar em uma Universidade. Minha escolha foi a Universidade de Tübingen, onde eu me inscrevi para as três disciplinas acima já citadas. Eu considerava meus estudos como uma formação intelectual e cultural, mas não como um “futuro ganha-pão”, portanto, não era um estudo que devesse desembocar necessariamente em uma profissão específica. Em retrospectiva, acho isso notável, pois, financeiramente, eu não podia me dar esse luxo. O dinheiro para manter o curso tinha que ser ganho durante as férias, o que não era incomum naquela época. Depois de algum tempo notei que o meu entusiasmo por esta combinação das disciplinas foi diminuindo. Porém, uma alternativa para isso não estava à vista no momento. Foi quando uma atividade que desenvolvi durante as férias para financiar meus estudos, veio a meu auxílio. Entre outras atividades, trabalhei em um albergue de jovens trabalhadores na minha cidade natal, onde dava palestras e organizava discussões com seus moradores. Lá, o diretor me mostrou que havia uma disciplina interessante chamada “Sociologia”, na qual poderia me interessar em vista à minha orientação. Sobre esta disciplina, até então, eu não tinha ouvido falar. Ela não era oferecida em Tübingen. Eu decidi então ir para a Universidade de Munique, onde havia um Instituto de Sociologia. Minhas primeiras experiências com o estudo de sociologia me impressionaram, especialmente porque em Munique prevalecia uma atmosfera intelectual extremamente estimulante. Eu mudei então do curso de Língua Alemã para Sociologia, mas mantive a Filosofia e acrescentei a disciplina de Economia como uma matéria adicional. Em Munique, sucedeu-se a sorte de ser aceito na *Studienstiftung des Deutschen Volkes* (Fundação Acadêmica Nacional Alemã), uma renomada instituição, para a qual você não podia se candidatar, mas sim, ser indicado por um professor. Meus problemas econômicos estavam resolvidos e agora eu podia me concentrar totalmente em meus estudos. Estes ganharam velocidade e, já que havia uma licenciatura [*Diplom*] em Sociologia na

Universidade Livre de Berlim – uma licenciatura em Sociologia existia antigamente em poucas universidades, tampouco em Munique -, mudei-me para Berlin no semestre de verão de 1961.

No entanto, o início em Berlim foi pouco promissor. Mal tinha chegado e adquiri hepatite em uma piscina. O resultado: uma internação de dez semanas. Enquanto eu estava no hospital, o muro de Berlim foi construído. Quando eu saí do hospital e comecei meus estudos, Berlim estava bloqueada. Mas não fui o único a me acostumar rapidamente com esta condição. Eu comecei a estudar sociologia com grande entusiasmo, principalmente em combinação com economia e filosofia, e a me interessar por política universitária. Neste período conheci também a minha futura esposa. Concluí meus estudos relativamente rápido, e quando o meu professor me perguntou se eu não queria ser assistente dele, aceitei, porque eu ainda não tinha uma ideia clara sobre a minha atividade profissional futura. Ser assistente significava, portanto, fazer o doutorado. Eu escrevi minha tese em pouco mais de dois anos, e, em 1967, fui recebi o título de „*Dr. rerum politicarum*“⁵. Com isso os caminhos para uma carreira acadêmica estavam traçados.

Meu primeiro livro adveio da minha tese de doutorado: „*Entscheidung für den sozialen Rechtsstaat. Hermann Heller und die theoretische Discussion in der Weimarer Republik*“ (*Decisão para o Estado Social de Direito. Hermann Heller e a discussão teórica sobre o estado na República de Weimar*), que foi publicado em 1968 por uma renomada editora. Minha escolha por este tema veio através de uma sugestão do meu professor Otto Stammer. Stammer era um socialdemocrata, que tinha estudado na República de Weimar com Hermann Heller, em Leipzig, e que sobreviveu a emigração interna na Alemanha nazista. O legado de Heller, que emigrou como judeu em 1933 para a Espanha e que logo morreria em 1934, tinha pra ele um grande valor sentimental, e ficou, portanto, entusiasmado que eu tenha resgatado esse tema e que tenha escrito uma das primeiras monografias sobre seu professor. Heller me interessou especialmente, porque ele marcou o conceito de "Estado Social de Direito", o qual eu o considero como o conceito condutor da Constituição da República Federal da Alemanha. O contexto – explicativo no qual ele se refere a esse conceito – me pareceu ser central para uma profunda compreensão sobre a nossa tão jovem democracia, a chamada República de Bonn. Apesar da conexão com Hermann Heller, do ponto de vista de suas ideias políticas terem sido óbvias, não somente para mim, seu trabalho não desempenhou praticamente nenhum papel na Sociologia, Ciência Política e Jurisprudência, uma vez que Heller tinha formação em Direito.

Eu queria corrigir isso e ao mesmo tempo mostrar de que forma sua posição contra o nacional-socialismo poderia tê-lo imunizado, se esta tivesse sido aceita, contra as posições propagadas pela esquerda e pela direita. Eu o posicionei no contexto do debate da teoria do estado da República de Weimar, comparando a sua posição com a de Hans Kelsen, Rudolf Smend e Carl Schmitt. Eu estava fascinado com a sua posição clara e cientificamente embasada contra o nacional-socialismo.

Eu só pude escrever esse trabalho porque, até então, eu havia sempre me movimentado nas fronteiras da sociologia e da filosofia. Portanto, isso não foi um trabalho empírico, mas, sim, teórico, precisamente: um trabalho sobre uma problemática histórica, a qual eu vinculei a uma

⁵ Título designado para doutores na área de Ciências Políticas, Ciências Sociais e Ciências Econômicas.

questão normativa. Pois, a pergunta sobre o que significa “Estado Social de Direito” e como ele deve ser projetado, estava sendo também debatida no ambiente estudantil de Berlim. E esses debates estenderam-se, naturalmente à vida e às questões estudantis. Tratavam-se de temáticas como: “marxismo” ou “socialismo democrático”, o tema do primeiro seminário, o qual eu assisti e que participaram estudantes da esquerda do centro, mas tratava-se naturalmente também da questão: “qual marxismo e qual democracia social”? Naquela época, a democracia social lutava pelo famoso Programa Godesberg e, em Berlim, foi introduzida a primeira lei universitária. Juntamente com os membros das deliberações da Federação das Escolas Socialistas de Ensino Superior (SHB), eu participei como conselheiro. Ela trouxe nova regulação da participação dos estudantes nos assuntos da faculdade. Surgiram muitos círculos de discussões, bem como manifestações e boicotes de aulas demonstrações contra isso e aquilo, tudo ainda relativamente pacífico, até que, em 1967, o estudante Benno Ohnesorg foi morto a tiros em uma manifestação contra o soberano do Irã. Isso foi um choque que mudou radicalmente o clima de discussão dentro e fora da universidade. No final de 1967, quando recebi a oferta para assumir uma posição permanente na Universidade de Mannheim, não hesitei muito tempo em aceitar. O meio social de Berlim estava exaurido para mim e, nesse meio tempo, eu tinha uma família e, por isso, em 1968, eu fui como membro do conselheiro acadêmico da cosmopolita Berlim para a província.

Do ponto de vista científico, a Universidade de Mannheim era tudo menos provinciana. Por lá havia se desenvolvido na década de 1960, uma ciência social moderna, interdisciplinar e conectada em rede internacional. A figura chave para mim foi M. Rainer Lepsius, que eu conhecia de seus pró-seminários em Munique, e que em 1964, assumiu uma cadeira de professor na Universidade de Mannheim. Ele, junto com o teórico científico Hans Albert, um representante do racionalismo crítico em adesão a Karl Popper, determinou a discussão sociológica em Mannheim, que objetivava uma teoria institucional historicamente orientada. Impera o espírito do esclarecimento aplicado. Lepsius ajudou a me orientar internacionalmente. Em 1971, recebi uma bolsa da Andrew Mellon para estudar na Universidade de Pittsburgh, fui com minha família – tínhamos na época três filhos – nos Estados Unidos por um ano. De lá, foi-me oferecido uma posição comodocente na Universidade de Cingapura, a qual aceitei no ano seguinte. Estando lá, fui chamado para assumir a cadeira de professor Ciências Sociais na Universidade de Dusseldorf. Isso nos trouxe de volta à Alemanha.

Paralelamente a tudo isso, tramitava a habilitação para a cadeira de sociologia na Universidade de Mannheim. Minha tese de habilitação escrevi essencialmente nos EUA. Ela tratava dos problemas relacionados à burocracia. Neste trabalho, coloquei pela primeira vez Max Weber como no centro da discussão e confrontei de um lado sua abordagem com o marxismo e seu pós-desenvolvimento, e, do outro lado com a abordagem do Saint-simonismo e seu pós-desdobramento no debate tecnocrático presente. Com isso toquei em também em questões da Sociologia das Organizações. Isso foi, de certo modo, o resultado posterior da tentativa de desenvolver o perfil de um programa de pesquisa, o qual ambicionei com a Monografia sobre Heller, em confrontação com programas de pesquisa alternativos.

A obra intitulada: „*Aspekte bürokratischer Herrschaft. Studien zur Interpretation der fortschreitenden Industriegesellschaft*“ (*Aspectos do domínio burocrático. Estudos sobre a interpretação da sociedade industrial crescente*), foi lançada em 1972 e foi o meu segundo livro. Em Düsseldorf eu era o primeiro sociólogo, e tinha então que lecionar para a disciplina de

Sociologia em toda sua abrangência. Sociologia não existia anteriormente como área disciplinar em Dusseldorf. Eu tive, portanto, que criar o instituto a partir do zero, uma tarefa de fundador, que viria a desafiar-me de igual modo e com frequência no decorrer de minha carreira acadêmica.

Criação do Instituto de Sociologia Max Weber em Heidelberg e através deste a internacionalização da sociologia alemã

[EV]: Então não havia naquela época um Instituto⁶ de Sociologia em Düsseldorf?

[WS]: Exato, não havia nenhum. Eu precisei, junto com os meus funcionários, começar tudo do zero, seja desde o a regulamentação dos exames, agrade curricular, biblioteca até o mobiliário. Foi uma grande satisfação poder conceber tudo desde o seu início. Logo tive que reconhecer que a disciplina nessa Universidade, a qual sucedera de uma academia de medicina, teria somente um papel periférico. Como eu tinha várias propostas, para ir a outras Universidades, decidi por fim deixar Düsseldorf. Mas é claro que eu fui “da chuva pra cachoeira” (como diz um dito popular alemão), quando eu me decidi por Heidelberg. A Universidade de Heidelberg já tinha um Instituto e lançando um olhar retrospectivo, Heidelberg tinha também, uma longa tradição de pesquisa sociológica reconhecida internacionalmente – e vinculada a nomes como Max e Alfred Weber, Emil Lederer, Karl Mannheim, Norbert Elias, Alexander Rüstow, Emil Mühlmann e Ernst Topisch –, e não havia somente uma cátedra, como em Düsseldorf, mas sim, duas. No momento da minha nomeação, fazia 6 anos que essas duas cadeiras estavam vagas, de modo que suas reocupações geraram uma verdadeira guerra, pois as instâncias superiores consideraram seriamente em simplesmente fechar o Instituto. Durante o regulamento provisório, estudantes membros da Aliança Comunista da Alemanha Ocidental (KBW) praticamente haviam assumido o Instituto. Era necessário, portanto, em Heidelberg começar novamente, tarefa quase mais difícil do que em Düsseldorf, porque em Heidelberg não somente era preciso construir, mas também, ao mesmo tempo, desconstruir.

Minha missão em Heidelberg ficou ainda muito mais difícil, pois o colega que assumiria a segunda cátedra juntamente comigo, surpreendentemente, não desistiu da posição. Em consequência disso, a segunda cátedra foi anulada pela Reitoria da Universidade, e eu fiquei, aqui, assim como em Düsseldorf, como o único professor. Isso teve naturalmente um lado positivo: eu pude conceber o instituto como eu achava que estava certo. Embora eu pudesse ter continuado atento às alternativas fora de Heidelberg, eu me sentia vinculado à Heidelberg. Isto tinha primeiramente uma razão ideal. Essa diz respeito naturalmente a Max Weber e ao fato de que ele trabalhou por um longo tempo em Heidelberg, mesmo que não tenha sido como um membro ativo da Universidade, mas sim em seus arredores. Seus trabalhos mais importantes originaram-se em Heidelberg, e eu queria que isso fosse visível aqui no Instituto de Sociologia. Depois que eu fui bem sucedido em recuperar a segunda catedra, procurei ocupá-la da maneira mais proeminente possível, o que deu um bom resultado com a nomeação de M. Rainer Lepsius.

⁶ **Nota do editor:** o termo “instituto” usado neste contexto equivale, administrativamente, ao termo “departamento”, utilizado comumente para descrever a estrutura das universidades brasileiras. Sendo assim, trata-se aqui de algo como “Departamentos de Sociologia”.

Nossos caminhos nos conduziram pela terceira vez e, agora, definitivamente, para uma união: em Munique eu fui seu aluno, em Mannheim seu assistente, em Heidelberg ele se tornou por fim, meu colega, o qual concordava comigo sobre a importância de Max Weber para a sociologia moderna.

Na década de 1980, nós fizemos com que o Instituto de Sociologia da Universidade de Heidelberg se tornasse, novamente, internacionalmente reconhecido. Eu tive êxito em implantar a Cátedra „*Max Weber- Gastprofessur*“ (Cátedra “Max Weber” de Professor Visitante), que foi preenchida por consideráveis sociólogos, desde Reinhard Bendix até Shmuel Eisenstadt. A maior parte das obras completas de Max Weber⁷, as quais estão em fase de acabamento, surgiram aqui. Apesar de ter tido muitas propostas atraentes em outras instituições, permaneci em Heidelberg até a minha aposentadoria em 2006. E assim, eu continuo até hoje por aqui.

No entanto, permanecer em Heidelberg me possibilitou realizar constantemente tarefas interessantes fora do instituto. Primeiramente, estive durante a década de 1980 regularmente nos Estados Unidos. De 1981 a 1982 eu fui „*Theodor Heuss- Professor*“, na New School for Social Research, em Nova York, e de 1984 a 1990 estive regularmente como professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Então veio a reunificação alemã e dirigi a minha atenção para a Alemanha Oriental. De 1991 a 1992 eu fui o decano fundador na Universidade de Leipzig para a reconstrução das disciplinas de Sociologia e de Ciência Política, de 1997 a 2002 fiz parte da equipe de fundação da Universidade de Erfurt, onde eu pude projetar e pôr em prática o Centro de Estudos Max Weber [*Max-Weber-Kolleg*] e da Faculdade de Ciências Políticas. Como você pode ver, as tarefas de fundação não me abandonavam. Sempre foi uma grande satisfação desempenhar o papel de professor universitário em todas as suas esferas: seja como pesquisador, professor, administrador assim como em suas atribuições políticas, o qual não somente tem o papel de pensar sobre as instituições, mas sim criar algumas delas.

O contato com a obra de Max Weber e a recepção da mesma no contexto alemão da época

[EV]: Como você entrou em contato com Max Weber? Você comentou que isso foi com o projeto de habilitação. Foi a questão da “dominação” que o levou a Weber, ou você reconheceu alguma outra coisa nele, que veio a despertar o seu interesse?

[WS]: Teve início com as questões sobre a “burocracia” e a “dominação”. O primeiro contato com Weber, claro, reporta-se a meu trabalho sobre Hermann Heller. Heller também correlacionou a sua teoria com a de Weber, embora a tenha mais rejeitado do que aprovado. Sim, ele deu-lhe importância, assim como os outros participantes da discussão relacionadas a teorias do Estado na República de Weimar. Dentre eles, estão principalmente Hans Kelsen e Carl Schmitt. Eu conheci os textos de Weber através dos estudos sobre o debate da teoria do Estado e estava, portanto, fascinado com a profundidade e amplitude da expressão de sua abordagem e posição política. Por último, ela parecia-me ter uma posição central, especialmente, se fizermos alusão à reforma do

⁷ Nota do editor: Referência à „*Max Weber- Gesamtausgabe*“, coletânea das “obras completas” de Weber.

império e à reorganização da Alemanha, depois da Revolução de Novembro de 1918. Eu sempre rejeitei a crítica marxista da República Federal da Alemanha, assim como todas as posições conservadoras que fossem para além do centro. Com base nos trabalhos de Weber, eu pensava poder desenvolver um quadro institucional que correspondesse à ideia do Estado Social de Direito. Quanto mais eu me familiarizava com os escritos de Weber, mais eu estava convencido de que neles havia uma abordagem que deveria ser tanto teoricamente quanto politicamente apropriada e desenvolvida. Eu vi ali uma posição de semelhante envergadura a de Karl Marx. Isso foi, no final das contas, a minha motivação para escrever o livro sobre a burocracia. Da Sociologia da Dominação, fui para Sociologia da Religião. Esse deslocamento de interesse foi estimulado pelas experiências que tive no exterior, em especial, claro, na Ásia. Em Cingapura, observamos a fundo o culto mediático chinês e os rituais hindus. Eu vi que havia análises na obra de Weber sobre o confucionismo e o taoísmo ou sobre o hinduísmo e o budismo com as quais se poderiam aprender algo para a atualidade, e que também faltavam nos autores que eu tinha examinado até o momento. Assim, eu descobri a Sociologia das Religiões comparada, ou seja, os grandes estudos sobre a ética econômica das religiões mundiais. Ao mesmo tempo, isso me chamou a atenção sobre como a obra de Max Weber foi recepcionada unilateralmente na Alemanha. Foi recebida especialmente a metodologia weberiana e sua teoria política. A metodologia foi recebida de forma mais positiva, pelo menos por aqueles que aderiram ao racionalismo crítico, enquanto a teoria política de forma negativa, porque Weber, supostamente, reverenciou nesta teoria um conceito vazio de democracia. Nesse sentido, a famosa tese de Wolfgang Mommsen, „*Max Weber und die deutsche Politik*“, (*Max Weber e a política alemã*), desempenhou um papel importante, a qual serviu constantemente como prova para a suposta insuficiência de sua teoria da democracia de Weber, indo até à acusação de que ele teria, com o seu modelo sobre a *plebiszitäre Führerdemokratie* (democracia de liderança plebiscitária) haveria preparado o caminho intelectual para a tomada de poder de Hitler.

Em contrapartida, a recepção do trabalho de Weber foi totalmente diferente nos EUA. Lá a metodologia e a teoria política não estavam em foco, mas sim, a Sociologia da Dominação e a Sociologia da Religião. Se nos detivermos nos dois intérpretes mais expoentes de Weber nos EUA, Talcott Parsons e Reinhard Bendix, isso fica muito evidente. Na retratação intelectual de Weber, traçada por Reinhard Bendix, não se encontra nenhuma palavra sobre metodologia, e Talcott Parsons apesar de não deixar de contemplá-la em seu entendimento sobre a obra de Weber, rejeita-a [a metodologia], evidenciando a Sociologia Material. Ambos não se concentram nos escritos ocasionais de Weber sobre política, os quais são classificados pelo próprio autor como puramente técnico-estatal, ao contrario, eles discutem em primeiro lugar sobre a Sociologia da Dominação e da Religião, submetidas a comparações universais. Até a década de 1970, essa parte do trabalho de Weber desempenhava um papel secundário na Alemanha. Somente em 1976, através dos ensaios de Friedrich Tenbruck e alguns de minha autoria („*Das Werk Max Webers*“ e „*Die Paradoxie der Rationalisierung*“ [A obra de Max Weber e O paradoxo da racionalização]), ocorreu uma virada. Então, são colocados no centro das discussões a Sociologia material de Weber, em especial a sua Sociologia da Religião e, ligada a esta, a problemática da racionalidade. Eu organizei, na década de 1980, com o apoio da Fundação Werner Reimer e da editora Suhrkamp, uma série de conferências internacionais, que originaram seis volumes de discussão, nos quais, foram expostas a análise weberiana de diferentes culturas e também da análise crítica feita pelos respectivos cientistas especializados.

Aqui, emerge uma imagem totalmente diferente de Max Weber, da qual existia na Alemanha até então. Pode-se dizer que esse foi o ponto de partida, em virtude pelo qual a discussão sobre a obra weberiana retornou à Alemanha, depois que ela, anteriormente e não pela última vez, foi mediada, principalmente, pelos emigrantes alemães, que se encontravam nos EUA.

Influência da teoria de Max Weber sobre o pensamento sociológico alemão atual

[EV]: Você fala sobre a recepção de Weber na Alemanha. Qual a importância e a influência, que a abordagem de Weber tem na sociologia alemã atual?

[WS]: O grande entusiasmo sobre Weber, que existiu temporariamente, hoje está consumado. Ele transcorreu a partir da metade da década de 70 até metade da década de 90. Trata-se de uma fase, na qual a sociologia baseada em Marx perdeu o seu preponderante papel, qual havia assumido nos anos de 1960 e 1970, porque a sua mais relevante antagonista, a Teoria dos Sistemas, estava ganhando terreno progressivamente. A Teoria Social Crítica, ou Tecnologia Social, eram as palavras de ordem, em torno do qual a discussão circundava e, assim, Weber se adequou para a elaboração de uma terceira posição, ambicionada com a minha tese de habilitação. Juntando-se a isso, final da década de 70, Jürgen Habermas introduziu um nova avaliação de Weber no âmbito da Escola de Frankfurt. Enquanto Luhmann, com a sua Teoria dos Sistemas, permaneceu indiferente frente a Weber, Habermas construiu uma nova relação, em especial com a Sociologia da Religião de Weber. Ele a incorporou de modo interessante em sua Teoria da Ação Comunicativa. Em consequência disso, parecia ter tornado-se legítimo discutir seriamente com Max Weber, mesmo estando fora do círculo dos pesquisadores de Weber, e a crítica a ele feita pela antiga Escola de Frankfurt, ou seja de Adorno e Horkheimer, em especial nos escritos sobre a *Dialektik der Aufklärung (Dialética do Esclarecimento)*, não poderia mais ser a última palavra. Neste contexto, meu terceiro livro, intitulado „*Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Gesellschaftsgeschichte*“ (*O desenvolvimento do racionalismo ocidental. Uma análise de Max Weber sobre a história das sociedades*), publicado em 1979, desempenhou um certo papel. Porém, no mais tardar nos anos 90, a febre Weber, como se diria na China, enfraqueceu gradativamente. Outras posições despertaram a atenção, tais como Alfred Schutz, Norbert Elias ou Georg Simmel, o qual por muito tempo não foi considerado como sociólogo, e assim como também autores franceses, em especial Pierre Bourdieu. Progressivamente, perdeu-se a visibilidade sobre a teoria debatida, e em geral, era identificado nos sociólogos uma dedicação pela pesquisa empírica em pequenas partes da realidade. As grandes teorias sociológicas desenvolvidas pareciam pertencer ao passado. O imediatismo, assim como a miopia dominam o campo [sociológico].

[EV]: Você acha que a Sociologia alemã atual é mais influenciada pelas abordagens americanas?

[WS]: Isso depende de como se entende "atual". Na fase de reconstituição da sociologia alemã do pós-guerra, era considerável a influência dos EUA. Isso se deu, sobretudo, porque os membros da primeira geração de sociólogos, nascidos por volta de 1928, vieram majoritariamente de outras áreas e só agora tinham que estudar sociologia, o que eles também

faziam no exterior, frequentemente e em especial, nos EUA. Tratava-se de uma Sociologia americana, a qual foi convencionada por Harvard e Columbia, por Parsons e Stauffer, e respectivamente por Merton e Lazarsfeld. Eu já me referi ao fato, de que a discussão sobre Weber aconteceu, acima de tudo, por um longo tempo, nos EUA. Não foram somente Parsons e Bendix, mas também, Hans Gerth e C. Wright Mills, Benjamin Nelson e Guenther Roth, e muitos outros, os quais poderiam ser mencionados aqui. Quando eu estava lecionando regularmente nos EUA, ainda era grande o interesse por Weber. Mas esse interesse foi nesse meio tempo diminuindo. Aqui também predomina hoje a pesquisa social empírica especializada em pequenos grupos ou pequenos temas sociais, metodicamente coesa, mas frequentemente pouco produtiva em seu conteúdo. Eu não posso identificar que atualmente, de algum modo, ainda venham impulsos teóricos decisivos dos EUA. Mas, admito que essa percepção é muito subjetiva.

Pode-se encarar a falta de visibilidade teórica estabelecida com duas estratégias. Uma eu chamo de “ecumênica”: integra-se em sua abordagem o maior número possível de posições. Um exemplo para isso é, na Alemanha, a sociologia em seis volumes de Hartmut Esser. Trata-se de uma grande obra, um completo e extraordinário desempenho. Mas tal intento, por fim, não me convence. A outra estratégia eu chamo de “paradigmática”. Decide-se por uma abordagem promissora, procura-se expandi-la, delimitando e defendendo-a contra alternativas. Isso pode, enfim, concentrar aceitações, porém, somente aquelas que melhoram seu próprio paradigma em pontos específicos, isso se a problemática e não a solução do problema ainda for coerente. Eu percorri este caminho em meu estudo de dois volumes, „*Grundlegungen der Soziologie*“, (Fundamentações da Sociologia), publicado em 2006 e respectivamente em 2007, o qual foi antecedido pelo estudo também de dois volumes „*Religion und Lebensführung*“, (*Religião e Conduta de Vida*), de 1988. Enquanto, nesta última, a interpretação da obra weberiana está em primeiro plano, predominantemente a Sociologia da Religião e da Dominação, mas também a Teoria do Valor, eu tento delimitar e defender, na outra, as fundamentações da *Theoria* de Weber, em detrimento abordagens alternativas, contra as abordagens de Marx, Durkheim, Parsons, Mead, Habermas e Luhmann. Trata-se, portanto, da formação do perfil de um programa de pesquisa weberiana. Este empreendimento eu perfiz com cinco volumes de ensaios, e um sexto será publicado em breve.

Um intento desse tipo não muda, naturalmente, que a repercussão da abordagem de Weber na Alemanha esteja desbotada. Por mais que [algo] seja publicado, permanentemente sobre Weber, tratam-se, preponderantemente, de estudos especializados, os quais atingem somente o círculo de especialistas. Este círculo não é pequeno e também não é exclusivamente nacional, pense na revista *Max Weber Studies*] editada por Sam Whimster, no entanto a discussão sobre a obra, não desempenha mais o mesmo papel que desempenhava dos anos 70 até os anos 90, mesmo que através da edição completa das obras de Max Weber, o substrato textual tenha sido constantemente melhorado e expandido.

Diferentemente isso parece se comportar de modo diferente nas Sociedades de Transformação, especialmente naquelas que atravessam por uma transformação capitalista fundamental. Nestes o paradigma de Weber, pelo menos no mundo acadêmico, depara-se com uma ressonância singular. Eu penso na situação dos chamados Tigres Asiáticos (Singapura, Hong Kong, Taiwan,

Coréia do Sul), na fase pós-colapso da União Soviética ou na abertura da China sob o regime de Deng. Contudo, houve e há evidentemente nisso, sempre e repentinamente equívocos criativos, como formulou Guenther Roth apropriadamente uma vez. . Pois poucos são especialistas estrangeiros em Weber que dominam a língua alemã e lêem as obras de Weber no original, muitos confiam frequentemente nas traduções, as quais são por sua vez, estão baseadas em partes em traduções. Recentemente eu tomei conhecimento na China, que existem lá atualmente nove traduções da obra „*Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*“ (A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*), nenhuma é idêntica à outra no que diz respeito ao corpo do texto e ao teor e, provavelmente, somente uma delas foi traduzida do original. Mas o interesse nesta obra, especialmente em tais sociedades, é grande, porque sobre o debate sobre o capitalismo a abordagem weberiana, se você não se limitar ao estudo do protestantismo, se equipara ao mesmo nível da teoria marxista, e sendo para esta uma alternativa.

A recepção da teoria Weberiana no Brasil

[EV]: No Brasil ainda se vê uma forte tradição sociológica marxista.

[WS]: Isso não é uma contradição ao que eu disse. Além disso, é preciso diferenciar se isso vale científica ou politicamente. Nas minhas grandes viagens em função de palestras nos países mencionados, constatei um grande interesse acadêmico pela obra de Weber, em especial naquelas partes da obra, as quais eram utilizadas de acordo com os seus próprios problemas de desenvolvimento. Parece-me ser o caso do Brasil, assim como também de outros países latino-americanos, com exceção da obra de Marx, sobretudo a análise de Weber sobre patriarcalismo serem utilizadas. No entanto, é preciso sempre distinguir entre a apropriação de um paradigma teórico e sua aplicação. A apropriação pode acontecer sem que isso esteja ligado ao empenho do uso. Japão representa para mim, um exemplo disso. Existe lá uma recepção contínua de Weber, que remonta até nos anos de 1920 – e foram escritas tantas monografias sobre Weber, como quase que no resto do mundo. Mas, mesmo assim, não se tem a impressão de que essa recepção teria influenciado de algum modo o processo político no Japão. E isso não parece ser um caso isolado.

[EV]: Você também vê o Brasil como um caso desses?

[WS]: Eu não posso fazer um julgamento sobre isso. Nesse meio tempo eu estive em dez universidades brasileiras dando palestras e eu encontrei grande interesse em meus temas relacionados à obra de Weber. Eu falo português, e com isso me falta o acesso à discussão pública. Aliás, me chamou a atenção, que eu fui perguntado com muita frequência sobre a possível conexão entre Marx e Weber, o que gerou certo desapontamento, quando acentuei a diferença paradigmática entre as duas obras. Isso confirma, a meu ver, o que procurei explicar nos “Fundamentos da Sociologia”, e isso se apresenta, não por último, no tratamento do problema da teoria e prática. Para a posição de Weber, é característico que o postulado da liberdade de valores é característico, através do qual a relação entre teoria e prática, diagnóstico e terapia, desde o começo não está estritamente ligada, como os marxistas gostariam que fossem. Esse tipo de conexão tão estreita parece, portanto, ser também o desejo de muitos pesquisadores

interessados em Weber no Brasil. Porém, a abordagem de Weber não viabiliza essa mediação de teoria e prática. Além disso, ela é sustentada por um *pathos* de liberdade, o qual visa mais a direção liberal do que a socialista.

O papel de Heidelberg na carreira acadêmica

[EV]: Agora eu gostaria de voltar mais uma vez à sua contratação em Heidelberg. Você disse que quando aceitou o cargo contava com a ocupação concomitante da segunda cadeira, mas logo em seguida ficou sabendo que o colega não tinha aceitado a posição e que você teria que reconstruir o instituto sozinho. Junto a isso, você também mencionou o significado de Max Weber para Heidelberg. Se você contemplar isso hoje, retrospectivamente, sobre a decisão que você tomou outrora, qual o papel que ela desempenhou para toda a sua carreira?

[WS]: Um papel central, pois muitas oportunidades, as quais se ofereceram depois da minha decisão por Heidelberg, eu não agarrei em função disso. Ademais, é de se considerar o aspecto de que a reconstrução do instituto estava, por um longo tempo, ligada à minha pessoa. Se eu estivesse saído após três anos – naquela época, esse era o prazo o qual precisava ser cumprido após uma convocação –, o instituto provavelmente não teria chegado à prosperidade nos anos 80. Assim, por exemplo, com um pesar no coração, rejeitei a proposta de Jürgen Habermas para ir para o Instituto Max Planck em Munique. Eu lutei naquela época por um longo tempo comigo mesmo, e foi uma difícil decisão não aceitar essa proposta tão atraente. De fato, não se rejeita uma convocação naquela ocasião para um Instituto Max Planck. Neste sentido, pode-se dizer que a decisão por Heidelberg criou uma forte ligação que, por mais que não tivesse me impedido de desenvolver todas as atividades que desenvolvi fora de Heidelberg, as quais eu já descrevi anteriormente (EUA, Leipzig, Erfurt), impôs-me, porém, permanecer por longo prazo em Heidelberg. Isso não mudou, mesmo quando o desenvolvimento do instituto não estava mais vinculado à minha pessoa. No entanto, eu, oscilei mais uma vez, se eu não deveria ter ficado em Erfurt, após um trabalho intensivo de formação do instituto de sociologia. Mas eu acabei me decidindo contra e voltando para Heidelberg.

[EV]: Olhando hoje para as suas obras, quais delas são a seu ver, as mais importantes?

[WS]: Isso é fácil de responder. No total são três títulos, porém cinco volumes. Primeiramente, o livro sobre o Racionalismo Ocidental, o qual também é traduzido em várias línguas e que continua ainda sendo citado. Em seguida, os dois volumes „*Religion und Lebensführung*“ (*Religião e Conduta de Vida*) e os dois volumes „*Grundlegungen der Soziologie*“ (Fundamentos da Sociologia) que, nesse meio tempo, foram publicados em uma segunda edição e fundidos em um só volume.

[EV]: Estes são também as obras mais significativas para o desenvolvimento do paradigma de Weber?

[WS]: Sim, o livro de desenvolvimento, o qual eu revisei mais uma vez e o publiquei em 1998 sob o novo título „*Die Entstehung des modernen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers*

Entwicklungsgeschichte des Okzidents“ (O surgimento do racionalismo moderno: uma análise de Max Weber sobre a história do desenvolvimento do ocidente), para evitar o equivocado termo „Gesellschaftsgeschichte“ (história da sociedade), em seguida a obra „Religion und Lebensführung“ e „Grundlegungen der Soziologie“.

Programa de pesquisa Paradigma Weberiano [Weber-Paradigma]

[EV]: Agora mudarei de assunto, para falarmos sobre o paradigma de Weber. No Instituto Max Weber de Sociologia, em Heidelberg, você continua se ocupando com esse programa. Você pode falar mais sobre esse programa de pesquisa? Quais são os resultados deste programa? Existem também no âmbito deste programa pesquisas empíricas?

[WS]: Eu escrevi há algum tempo atrás um ensaio sob o título, um tanto inapropriado „*Die Dualität von Struktur und Handlung. Umrisse eines weberianischen Forschungsprogramms*“ (Dualidade entre ação e estrutura: esboços de um programa de pesquisa weberiano⁸), o qual, aliás, já foi traduzido para o Português (também em Inglês, Italiano e Búlgaro). Ele resume minha abordagem de forma sucinta. Estou dialogando com meu discípulo Gert Albert sobre uma terceira sociologia. Trata-se de uma sociologia que, como abordado nos “Fundamentos da Sociologia”, está localizada entre o individualismo sociológico e o coletivismo sociológico e aquele o qual eu atualmente denomino de “Relacionismo metodológico”⁹. Ela opera com uma abordagem de vários níveis e uma abordagem bilateral. Ela usa o modelo macro-micro-macro e o sequenciamento, assim como a interação das configurações de cultura e ordem. Com a teoria da ação eu me faço relação sobretudo com a tradição da Teoria da Escolha Racional, porém procuro superar a sua orientação unilateral no modelo de maximização de utilidade, através do um riquíssimo conceito de “sujeito”, o qual é endossado por filósofos como Charles Taylor e Dieter Henrich, meus professores de filosofia em Berlim. É válido continuar desenvolvendo isso, pois ainda não está suficientemente claro. No livro de ensaios, o qual estarei publicando em breve sob o título „*Handeln im Kontext*“ (Ação em Contexto), está contido alguns textos sobre isso. Mas isso ainda não é suficiente. Esses ensaios trazem principalmente conteúdos que não tiveram espaço na obra “Fundamentos da Sociologia”. Pois nesta obra eu dediqueia cada autor, incluindo Max Weber, respectivamente cem páginas, porque eu queria tratar todas as abordagens de modo igual. Portanto, algumas precisaram ser excluídas, sendo preciso resgata-las agora. Um problema sem solução refere-se para além da teoria da ação, à análise de estrutura, especialmente a relação entre a análise de “estratificação” e de “ordem”. Esse problema me parece ser ainda não ter solução no âmbito do paradigma weberiano.

No momento, eu não posso contribuir com trabalhos empíricos. Os últimos eu executei no contexto da reunificação alemã. E ficará por isso. O meu tempo é limitado e as forças estão diminuindo.

⁸ Publicado no v. 15, n. 34 (2016) da Revista Política & Sociedade. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15n34p18>

⁹ Cf. “*Dualidade entre ação e estrutura: esboços de um programa de pesquisa weberiano*”.

Edição das Obras completas de Max Weber [*Max Weber- Gesamtausgabe*]

[EV]: Eu teria uma última pergunta com relação à edição da „*Max Weber- Gesamtausgabe*“ (MWG), (obra completa de Max Weber). Ela é, até onde eu sei, um projeto de longo prazo, no qual você é um dos personagens principais. Você pode me dizer algo sobre este projeto, sobretudo, o que surge de novo nesta re-edição?

[WS]: Aqui, trata-se de um projeto no qual um grupo de cinco cientistas, há mais de 40 anos atrás, conceberam e, passo a passo, realizaram, e o qual nós esperávamos naquele tempo, poder terminar em 10 a 15 anos. Neste meio tempo, eu sou o último deste grupo, pois os outros, ou morreram ou por outros motivos há muito não trabalham mais neste projeto. Nós iniciamos este empreendimento no auge da discussão sobre Weber na Alemanha, a qual eu já mencionei. Foi, de certo modo, a contrapartida da Alemanha Ocidental para a edição da „*Marx-Engels-Ausgabe*“, na República Democrática Alemã (RDA)(DDR)¹⁰, naquela época um empreendimento partidário com um enorme quadro de funcionários, ainda hoje existente, porém, com uma estrutura menor, assim como desde o começo da edição completa de Max Weber, constantemente em busca de dinheiro e colaboradores.

A edição da MWG consiste em três repartições: escritos e discursos, cartas, e aulas e anotações de aulas. Os escritos e discursos já eram amplamente conhecidos antes desta edição. O mesmo não se pode dizer das cartas e aulas, que datam principalmente na época antes de 1900 e, com isso, antes da grave doença de Max Weber. Elas mudaram a imagem do desenvolvimento de Max Weber. Dos 47 volumes previstos para a edição no final, 43 foram publicados. Eu espero, naturalmente, que a edição possa ser terminada enquanto eu ainda viver.

Devido à edição, hoje nós vemos „*Wirtschaft und Gesellschaft*“ (*Economia e Sociedade*) sob uma nova perspectiva. Nós sabemos agora: isso não se trata de um livro em três partes (Marianne Weber) ou duas partes (Johannes Winkelmann), mas, sim, de um projeto em várias versões, com um título problemático, e no qual falta uma linguagem terminológica análoga para todas as versões. Das cartas, nós aprendemos mais sobre os pareceres metodológicos de Weber. Elas mostram uma proximidade muito maior com as posições de Windelband e Rickert, como é reconhecido na maioria da literatura secundária até agora. As anotações de palestra nos permitem compreender, hoje melhor do que antes, a transição de Weber da jurisprudência para a economia nacional. Elas também mostram que, entre a fase anterior à sua grave doença e as fases posteriores, existe uma continuidade maior do que muitos, anteriormente eu mesmo também, suspeitava. Assim, a reedição da obra completa de Weber mudou a nossa imagem sobre sua obra. No entanto, a nova edição ainda não se infiltrou em todos os lugares. A edição completa parece se impor gradativamente. A maioria dos pesquisadores mantém-se ainda às edições com as quais eles “cresceram”, por mais problemáticas que possam ser.

[EV]: Mas a MWG será conservada para sempre na memória.

[WS]: Em todo caso, lembrar-se-á do meu nome mais pela edição, do que pelos meus livros. Isso

¹⁰ A Alemanha Oriental, oficialmente *Deutsche Demokratische Republik* (DDR).

é certo. Pois quem abre um volume da edição, vê meu nome na página de título, mesmo nos volumes que não foram editados por mim. Com efeito, nove volumes da edição foram editados por mim. Talvez alguns se perguntem no futuro: “Wolfgang Schluchter, pois bem, quem foi este afinal?” Então estarão os meus livros há muito tempo esquecidos. Isso, portanto, não é decerto uma desvantagem, se alguém se intitula como um dos editores da „*Max Weber-Gesamtausgabe*“.

Recebido em 10-12-2017;
Revisado em 14-11-2018;
Publicação em 15-12-2018.